

GT45: Gênero, sexualidade e subjetividade em contextos transnacionais

Vinícius Zanoli, Guilherme Passamani

Este simpósio discutirá gênero, sexualidade e interseccionalidade nos fluxos transnacionais. Compreendendo fluxos globais de modo amplo, nos referimos à circulação de pessoas, objetos, ideias, símbolos e capital. No primeiro eixo, Política, Gênero, Sexualidade e Globalização, a proposta é debater temas como política, gênero, sexualidade e globalização, principalmente aqueles de enfoque interseccional. A proposta é debater sobre ativismos nas suas diversas facetas e relações com gênero e sexualidade, tanto em esfera nacional quanto transnacional, particularmente, pesquisas com enfoque em como distintos eixos de diferenciação se relacionam na constituição de sujeitos políticos, bem como análises sobre a constituição de redes locais, nacionais e transnacionais de advocacy, trajetórias ativistas e relações entre distintas formas de ativismo. No segundo eixo, Mobilidade, Desejo, Gênero e Sexualidade, a proposta é debater temas como desejo, erotismo, migrações e mobilidades, especialmente a dimensão transnacional desses processos em intersecção com gênero e sexualidade. É de particular interesse pesquisas com enfoque nos mercados transnacionais do sexo, nas economias sexuais transnacionais e na indústria sexual daí advinda. Nos interessa pensar as redes que se estabelecem, nesse campo, a partir das questões que atravessam os processos de subjetivação, interseccionando gênero, sexualidade, afetos e trocas econômicas em contextos transnacionais.

Refletindo transvestigeneridades negres-natives no cis-tema patriarcal capitalista supremacista branco imperialista

Autoria: ewa niara

O trabalho se propõe a refletir questões interseccionais em posição de diálogo e crítica às teorias e conceitos sobre as relações entre marginalização dentro das estratificações sociais de raça, gênero e classe, e pretende investigar dimensões simbólicas de identidade, performance e política, com enfoque em corpos transvestisgêneres negres-natives na atualidade. Subsequentemente, perceber de que formas estas categorias se articulam politicamente para defender seus interesses, projetos e acesso às políticas públicas, partindo amplamente de metodologias qualitativas. Apresentando percepções acerca da operacionalização da burocracia enquanto arma do genocídio de populações marginalizadas socialmente. As tecnologias criadas dentro das estratificações de gênero, raça e classe são ficções políticas encarnadas, que tomam uma posição de naturalidade através de dispositivos de controle do conhecimento e narrativa. Tais tecnologias são perpetuadas por diferentes aparatos de regulação engendrados em nossas culturas, bem como ensinada diariamente pelas mídias que nos cercam. O desenvolvimento capitalista e o avanço tecnológico exponencial trazem mudanças rápidas, cada uma com suas implementações como também suas profundas falhas éticas, que impactam diretamente na nossa forma de nos entendermos enquanto pessoas. Assim, com o passar dos anos vamos transicionando cada segundo mais de seres reais □ de matéria e espírito □ para seres virtuais, com definições e atributos ainda em questionamento. A pesquisa é principalmente de abordagem qualitativa, se atendo na relevância da análise bibliográfica. Metodologicamente, o trabalho se dá pela fundamentação teórica e discussão com autores. Estabelecendo os conceitos já existentes academicamente em relação ao recorte temático a fim de propor um embasamento conceitual de profundidade histórica necessário para se tratar temáticas que vêm sendo debatidas há décadas, tanto academicamente quanto socialmente, relacionando com momentos mais atuais. Ainda se nota uma lacuna tratando a relação entre transgeneridade e negritude partindo de pensadoras que fazem parte dessas interseccionalidades, o que coloca em evidência

um histórico de violência e marginalização. Sugiro então que este trabalho venha encorpar uma epistemologia travesti preta, pois urge transnegreecer o meio acadêmico.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

